E daí? ... e eu com isso daí!?

Annibal Amorim - Médico

Muita gente simples que conheço se mostram espantadas com o comportamento incivilizado do "Sr. Presidente". A meu ver, no entanto, basta puxar um pouquinho pela memória, para se dar conta de que esse comportamento não difere um milímetro a mais ou a menos, que a inteira biografia que este senhor construiu em sua inteira "carreira pública". Nada que me espante, não custa registrar.

Volto-me, por um instante, à passagem mítica da "árvore do conhecimento", a mesma que o todo poderoso advertiu "desse fruto não comerás", para ilustrar que o chamado conhecimento aludido nunca foi muito sua inclinação, buscando sem cessar uma oportunidade de confronto com aqueles que classifica de "inimigos". Não quero supor, nem tampouco tenho elementos para tal, mas talvez sua infância tenha sido bastante infeliz, sem amigos para jogar uma pelada, bola de meia ou de gude, descer na ladeira de carrinho de bilhas, essas coisas que trazemos como doces memórias que repousam coloridas em nossos corações. Voltando à "árvore do conhecimento", tenho a suspeita de que estava muito mais interessado em "conhecer a tal serpente maliciosa que o levaria ao pecado original", do que as fortuitas ocasiões em se que desvendam como são constituídos os laços sociais, a coletividade, a comunidade. Aliás, outra mera suspeita que tenho, é de que essa palavra comunidade tenha sido internalizada por ele como "um pecado original", algo a ser evitado a todo e qualquer custo, mantendo-o preso a conceitos, que só mesmo o conhecimento da realidade é capaz de revelar o significado.

Pergunto-me, como se sensibilizar com a perda de tantos membros da "comunidade" se essa palavra representa (e talvez ainda represente) um conceito distorcido? Pouco provável, não é mesmo? Se são 5.500 ou 30.000 pessoas a perderem a vida, pouco provável que seja fácil para ele relacionar a perda da vida humana com a perda de incontáveis reunidas por estas pessoas, comparáveis a livros de uma inteira biblioteca, uma fração pequena do que podemos chamar civilização. Outra palavra que deve lhe soar muito estranha, porque, segundo consta, foi educado em escola militar e parece que para o próprio, "a civilização é apenas o que se assemelha ao verde oliva", as pessoas que conheceu um pouco melhor, não sabemos o quanto tão bem.

Assim, fica difícil compreender o que este Sr. consegue mensurar o que as pessoas que perdem os seus entes queridos (pais, mães, filhos, filhas, avôs e avós, colegas de trabalho, amigos) sentem apenas com uma única perda, imaginem só uma comunidade inteira. Não sei se o mesmo teve em sua infância algum animal por qual desenvolveu afeição, ou se teve um brinquedo que fabricou com as próprias mãos e que subitamente se perdeu com o passar do tempo. É difícil crer que consiga reunir memórias afetivas além daquelas de um "confronto armado", a não ser "arminhas" com que fuzila "inimigos imaginários", ou ainda, segundo o domínio do fato, as "bombas que pensou em usar para conseguir aumento salarial".

Portanto "eliminar toda uma população" não lhe faz o menor sentido, até lhe soa muito estranho, porque suas entranhas parecem estar muito mais afetadas por um outro tipo de "sentimento". Recorri a um livro maravilhoso, escrito por Glaucia Dunlay, "O Silêncio da Acrópole", que em sua parte final examina o *Pathos* em Freud, na tentativa (tenho certeza vã) de decifrar a "intensidade e o excesso" deste Sr. que pronuncia com enorme frieza a expressão "E daí?" Partindo da palavra alemã (*Leidenschaft*) que, segundo a autora:

"[...] tem como versão comum paixão", busca no dicionário etimológico e constata que a define como *"motus animi, motus cordi, passio, affectus",* [...] a que os gregos chamavam este movimento de *pathos:* a capacidade de se deixar comover, de se deixar tomar ou afetar, sem a qual não pode haver nenhum colhimento, nenhuma escuta do que nos ultrapassa [...] Nenhuma escuta do trágico [...]", conclui Glaucia (2001, p. 83)

Como tentar interpretar a "frieza" deste "E daí?", todos os sinais emitidos em sua "carreira" apontam - sabe-se lá porque - para um permanente confronto, onde não há espaço para um movimento de alma/anima, de coração, paixão, de afeto? Restam, apenas, frases articuladas para justificar perante seus "apoiadores" que apesar de Messias, "não fazia milagres".

Em devida consciência, me questiono o que os chamados "apoiadores" do Sr. Messias sentem quando ouvem este tipo de interlocução? O que os movem? O que os afetam? Será que devemos esperar algo diferente daqueles que o chamam de mito?

Acredito que não e explico porque. Em um texto magnífico (que circula em grupos de Whatsapp), de autoria de Ivan Lago, reafirma-se uma certa lógica que muitos que compõem a cidadania média de nosso país, em forma ritualística deram passagem a esta mitificação construída, acrescento de "fora para dentro", o que muito me entristece. Em plena pandemia, saber que existem tantos "E daí?" espalhados por este país é um verdadeiro horror, que somente se assemelha ao holocausto vivenciado, a duras penas, pelos judeus durante a Segunda Grande Guerra Mundial. Pois, querendo ou não estamos em guerra também, com perdas simbólicas e também concretas de vidas. Paralisados assistimos uma ópera trágica, talvez semelhante aquela retratada pela Série FREUD (exibida em canal de streaming).

Para este Sr., que também é o "Presidente eleito" não ter compaixão, afeto, anima é mais do que um simples "E daí". Revela muito do seu caráter, da ausência do movimento de *Pathos* em seu coração, que diga-se de passagem, se preocupa bastante com a economia. Portanto, esse "E daí?" é compatível com os sinais emitidos antes e durante a Pandemia, culminando com a indicação do que parece ser um Economista que exibe em seu currículo o fato de ter cursado medicina. Mais surpreendente ainda é o epitáfio das frases que concluem esse texto,: perguntado sobre as mortes, além da escatologia que caracteriza seu comportamento trágico, faz questão de repetir de "que não é coveiro", o que soa como aquele "ato falho" que escapa, ali "bem no fim da sessão".

Tenho, como médico e psicólogo, exercido a profissão por mais de 40 anos, entre o acúmulo de títulos e conhecimentos, trago em meu peito o orgulho de ter conhecido de perto estudos coordenados por Dra. Nise da Silveira, que destacava a "importância do afeto catalisador".

No Centro Psiquiátrico Pedro II convivi com colegas (Carlos Augusto que me introduziu em sua casa; Lula Mello, diretor do Museu de Imagens do Inconsciente; Lula Vanderlei; Edmar Oliveira; Paulo Amarante; Jurandir Freire Costa; Benilton Bezerra; Priscilla Hauer; Conceição Robaina; Alzira Célia, etc.) e com eles aprendi o quanto significa ter empatia, algo que não se aprende na Escola Médica. Da mesma maneira, não se aprende a "ser Presidente da República" sendo eleito.

Tudo indica, lamentavelmente, que o seu "E daí?" é a ausência de empatia por brasileiros e brasileiras que perderam a vida e demonstra claramente que o Sr. está construindo o "silêncio da Necrópole". Talvez sua história, por razão desconhecida, não lhe permita prantear tantas vidas perdidas, mas solitariamente, eu verto uma lágrima de tristeza pelo país que o Sr. e os seus "apoiadores" constroem silenciosamente .... •••